

ENTRE O SONHO E A REALIDADE: a constituição do núcleo colonial de Sabaúna

Ângelo Eduardo Nascimento Nanni

PUC/SP - UBC

“A história é objeto de uma construção, que tem lugar não no vazio e homogêneo, mas no repleto de atualidade. Assim, para Robespierre, a Roma antiga era um passado carregado de atualidade e que ele destacava do contínuo da história. A Revolução francesa entendia-se como uma Roma retornada. Citava a Roma antiga assim como a moda cita uma roupagem pretérita. A moda tem um faro para o atual, mesmo que este se mova na selva do outrora. Ela é o salto tigrino no passado. Só que ele ocorre numa arena em que a classe dominante impera. O mesmo salto, sob o céu aberto da história, é o salto dialético, segundo o que Marx entendeu a revolução”¹

Em tempos de mundialização, uniformização e padronização, no século XXI vive o XIX. O emigrante espanhol de Barcelona que veio para o Brasil, o italiano do Vêneto que foi para a Argentina, o agricultor pobre inglês que se dirigiu para a Austrália², ocuparam espaços fixados em uma sociedade que era modelada cada vez mais pelo movimento internacional do capital e guardam uma similaridade com o emigrante do Brasil de hoje, que vai para o Japão, Europa ou E.U.A., seduzido pela expectativa de vida confortável num mundo de oportunidades e esperança.

1 - BENJAMIN, W. *Grandes cientistas sociais*. São Paulo: Ática, 1985, p.161.

2 - HOWELLS, G.- “For I Was tired of England Sir”: English pauper emigrant strategies, 1834-60. *Social History*, v., 23, nº2, 1998.

Em recente artigo publicado no jornal O Estado de São Paulo em 04/03/2001, o escritor Mário Vargas Llosa aborda a questão da imigração para a Espanha, mais especificamente para a Catalunha, onde se desenvolve uma reação contra a presença de peruanos, equatorianos, colombianos, marroquinos e também espanhóis de outras regiões que, atraídos pela indústria da Catalunha, para lá se dirigiram. O receio do “outro” está presente no nacionalismo catalão, que enxerga a possibilidade de ter a região povoada por mesquitas e padrões culturais estranhos, tendo horror à formação de culturas híbridas e decréscimos no nível de bem-estar social. O escritor diagnostica que o “imigrante é uma fonte de desenvolvimento e de progresso e gera riqueza...”. Acaso esta posição está longe daquelas que viam no trabalho do imigrante do século XIX o binômio desenvolvimento e progresso?

As pressões e forças tanto nas sociedades expulsoras como nas receptoras, são variadas e múltiplas. Onde colocar os que chegam, por que chegam e o que estes sonham? “Quanto mais os lugares se mundializam, mais se tornam singulares e específicos, isto é, únicos. Isto se deve à especialização desenfreada dos elementos do espaço..., à multiplicação das ações que fazem do espaço um campo de forças multidirecionais e multicomplexas, onde cada lugar é extremamente distinto do outro, mas também claramente ligado a todos os demais por um nexo único, dado pelas forças motrizes do modo de acumulação hegemonicamente universal. Teríamos assim essa totalidade concreta perceptível através de uma dialética concreta, como a apresentada por G. Lukacs em *História e Consciência de Classe*”³.

Isto indicaria que já no final do século XIX teríamos uma estreita ligação do nosso objeto de estudo, ou seja, o núcleo de Sabaúna, com outros lugares no mundo, isto tanto em relação às pessoas como também aos objetos. A especialização produz também uma indústria da locomoção, pois, segundo Marx, “além da indústria extrativa, da agricultura e da manufatura, ainda existe, na produção material, uma quarta esfera que passa também pelos diferentes estádios de empresa artesanal, manufatureira e da indústria mecânica, é a indústria de locomoção, transporte de pessoas ou mercadorias (...) produz-se aí alteração material no objeto de trabalho - a alteração espacial, de lugar”⁴.

3 - SANTOS, M. *Metamorfoses do espaço habitado*. São Paulo: Hucitec, 1997, p.34.

4 - MARX, K. *O capital*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980, p. 405.

Segundo Eric J. Hobsbawm, inicia-se o século XIX e o “movimento de homens e mercadorias já tinha o ímpeto de um deslizamento de terra .Entre 1816 1850, perto de cinco milhões de europeus deixaram seus países”...”entre 1850 e 1888, 22 milhões de europeus emigraram, e em 1889 o volume total do comércio internacional chegou a quase 3.400 milhões de libras, comparado com menos de 600 milhões de libras , em 1840”.⁵

O tropeiro e os caminhos coloniais são substituídos pela máquina a vapor, o lampião pela eletricidade, a “velha” sociedade aos poucos vai sendo substituída pela “nova”, ou melhor seria dizer, neste encontro o novo penetra o velho, modificando as relações existentes e estabelecendo outras. Em um país jovem que começa a forjar sua nacionalidade no século XIX, a ocupação territorial e populacional palmilhando o espaço nacional era fundamental, assim os núcleos coloniais iniciam o século XIX com uma função demográfica e ao longo desse século assumiram outras perspectivas.

O tema da minha pesquisa é a implantação de núcleos coloniais em São Paulo no século XIX, mais especificamente no último quartel desse século, e com foco particular no núcleo colonial denominado Sabaúna. Ressalte-se que, num país de latifúndios, os núcleos coloniais eram pequenas propriedades de terra sob a tutela do Estado, que se encarregava de vender estes “terrenos coloniais” ao imigrante que chegava, sonhando com a condição de proprietário. Portanto, Sabaúna se torna vetor desse sonho. A localidade está situada a 60 Km de São Paulo, na direção leste, já na área de influência do Vale do Paraíba, mas pertencente, enquanto distrito, ao município de Mogi das Cruzes (Alto Tietê).

Nos dias de hoje, o tempo parece ter parado em Sabaúna.. Lá está a pequena estação de trem, de arquitetura inglesa, do início do século, o pequeno centro comercial em frente à estação, o lanifício que estava desativado e hoje funciona como uma fábrica de materiais elétricos. Mas, olhando mais detidamente, as coisas não são tão calmas e bucólicas, pois o dia-a-dia dos moradores é mais turbulento do que o que o visitante vê, tanto que, numa iniciativa popular inédita na região, realizaram-se recentemente eleições para escolher o “ouvidor” local e assim tentar interagir com o poder instituído e chamar a atenção para os interesses e problemas locais. Há vinte anos o trem

não corre mais, a produção agrícola não mais existe, as pessoas não vivem mais a vida, apenas vivem no local

Inicialmente a escolha do tema prendeu-se à necessidade de entender a natureza de um núcleo a partir das estruturas agrárias típicas do final do século XIX e a posição de um núcleo colonial em uma economia agro-exportadora e latifundiária. A abordagem resumia-se em estudar o núcleo colonial a partir da atividade econômica principal (cafeicultura) e, como a política de fundação de núcleos coloniais se articulava a esta atividade, juntamente com a corrente imigratória.

No entanto, as grandes análises, as macro-abordagens (baseadas, sobretudo na história econômica), colocavam os núcleos como acessórios de algo “maior”, como secundários, à medida que colocava a política de criação de núcleos como intimamente ligada à economia cafeeira ou então como abastecedores de gêneros agrícolas para centros urbanos ou como depósitos de mão-de-obra para a lavoura de café. Tal abordagem mostrou-se insuficiente para dar conta das particularidades dessa realidade socialmente dada, o que responderia apenas parte da questão colocada inicialmente, qual seja a de recuperar a natureza de um núcleo colonial. A vida “interna” do núcleo ficaria sem resposta, assim como a compreensão de sua dinâmica, dos movimentos contraditórios postos em ação a partir de uma situação singular (criação de colônias e ocupação) e dos componentes de uma estrutura global interagindo com essa⁶. O mais importante é dar sentido ao pequeno e insignificante, tornar compreensível o “desimportante”, extrair seu significado nas relações cotidianas.

Ao trabalhar na análise de Sabaúna a partir da criação do núcleo em 1889 e sua efetiva ocupação por colonos italianos, espanhóis, franceses, alemães, por ex foreiros da fazenda carmelita que originou o núcleo através de compra por parte do Estado, etc., a maneira de tratar o material poderia receber o nome de história regional, micro-análise, história local ou pontual. Independentemente das rotulações, pretende-se trabalhar as manifestações cotidianas deixadas em registros que remetem ao dia-a-dia vivido pelos colonos.

A idéia central para resgatar esse cotidiano seria trabalhar com as relações de produção⁷ existentes, isto é, a forma como o colono construiu suas relações

6 - HELLER, A. *O Cotidiano e a História*. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

7 - Na concepção marxiana, isto é, forma de ser social. Conforme Marx, K. *A ideologia alemã*. Várias edições.

constituindo assim o núcleo colonial. Tais construções caracterizam uma determinada etapa do desenvolvimento histórico, fruto da interação entre as condições materiais pré - existentes e a consolidação do colono na região com os mecanismos de posse da terra, suas concepções de trabalho, suas experiências de vida, seus costumes e valores. Enfim, suas relações historicamente constituídas.

O trabalho com o cotidiano nos permitirá resgatar a forma como as representações ganham sentido na maneira de organizar o espaço social, trazendo também a dimensão imaginada deste espaço em determinada época. “A história das sociedades, evidentemente, deve basear-se numa análise das estruturas materiais. A organização dos grupos, das comunidades familiares ou de vizinhança, das associações, dos bandos, das companhias, das seitas, a natureza e o vigor dos laços que os ordenaram, a situação dos indivíduos nesse conjunto de relações, sua posição no seio de uma hierarquia complexa de estratos superpostos, a distribuição de poderes que não poderiam ser esclarecidos sem que previamente sejam reunidas todas as indicações que permitem reconstruir os componentes do espaço que os homens ocuparam, organizaram e exploraram, perceber o sentido dos diversos movimentos que determinaram a evolução do povoamento, definir o nível das técnicas de produção e de comunicação, compreender o modo pelo qual se encontravam divididas as tarefas, as riquezas e os lucros e como foram utilizados os excedentes”⁸.

Duby, com estas palavras, nos auxilia nas interpretações de grupos ou comunidades. No entanto, não se trata de uma somatória de instâncias da vida cotidiana conforme se poderia depreender do texto desse autor, pois as relações existentes no interior desses grupos indicam relações de alteridade e determinações recíprocas entre as várias estruturas da vida cotidiana, que são mediadas pelo espaço produzido pelo homem em um determinado momento como produto concreto de relações sociais historicamente determinadas. É o que será abordado sobre Sabaúna.

Pretende-se explicitar como as forças sociais em interação, compondo o tecido social, gestam o núcleo colonial, objeto da presente pesquisa. O núcleo colonial, portanto, figura como criação social e histórica, resultante de

8 - DUBY, G. História Social e Ideologia da Sociedade. In: LE GOFF, J. & NORA, P. *História: Novos Problemas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979, p.130.

interações entre os homens no seu cotidiano. Essas interações se explicitam não apenas nas práticas sociais, mas também nas concepções que seus componentes emitem sobre essas relações.

Conforme Ana Fani A. Carlos em *A (re)produção do espaço urbano* “, há uma relação necessária entre sociedade e espaço. A produção da vida no cotidiano do indivíduo não é só a produção de bens para satisfação de suas necessidades materiais, é também a produção de sua humanidade, através da produção de relações (sociais, econômicas, políticas, jurídicas, etc.)”⁹. Nessa produção de relações, não há entre as categorias de análise uma rígida hierarquia que estruture e traduza ordem de importância, mas sim como o indivíduo se relaciona nessa sociedade através de determinações recíprocas que ele mesmo cria (sem as características de funções superpostas como se estivessem separados entre si em compartimentos estanques), que se interpenetram dando a dimensão da relação núcleo-sociedade.

Ao estudar um espaço geográfico (núcleo colonial de Sabaúna) e temporal (1889-1920) delimitados, propõe-se recuperar as múltiplas dimensões deste tecido social, não apenas enquanto práticas e experiências, mas também as expectativas de vida que gestaram tal espacialidade. O ponto de partida estaria no fato de que a sociedade produz o espaço geográfico a partir das relações sociais determinadas de acordo com objetivos e necessidades da sociedade e envolveria a discussão do fenômeno específico (núcleo) e sua articulação com uma totalidade¹⁰ através de relações concretas materializadas na produção, circulação e no processo de trocas materiais e mentais.

O núcleo, como texto social escrito, guarda as evidências, enquanto patrimônio histórico, das relações estabelecidas pelos seres humanos em sua cotidianidade, da relação existente entre o “espaço da representação e a representação do espaço”¹¹ Essas evidências nos ajudam a recuperar como e por que foi produzido este espaço. Quem era e o que idealizaram seus integrantes? A quem atendiam as dimensões que ele vai adquirindo? Existe uma estratégia na concepção desse espaço? Como este espaço é percebido pelos imigrantes e como é concebido pelas elites?

9 - CARLOS, A. F. A. *A (re)produção do espaço urbano*. São Paulo: Edusp, 1994.

10 - CARLOS, Ana Fani A. *Op. Cit.* p.25

11 -LEFEBVRE, H. *Espacio y política*. Barcelona: Ediciones Península, 1976, p. 26.

Em estudos sobre imigração e transformação do trabalho no século XIX ou sobre a cafeicultura, algumas páginas são dedicadas aos núcleos coloniais. Isto não quer dizer que não existam trabalhos sobre o tema, eles existem, mas são poucos. O sociólogo José de Souza Martins escreveu trabalhos sobre os núcleos de São Caetano e São Bernardo. Maria Isabel Moreira Salles, em 1978, sobre o núcleo colonial de Santana. Elizabeth Filippini, sobre o núcleo colonial de Jundiá e Miyoko Makino publicou nos Anais do Museu Paulista, em 1974, um estudo da legislação sobre núcleos coloniais no período imperial.

Sobre Sabaúna há somente algumas páginas em periódicos locais, assim mesmo com uma abordagem diversa da que terá nossa pesquisa. Essas publicações tratam de núcleos que estavam na cidade de São Paulo e hoje são bairros ou cidades vizinhas de São Paulo ou então locais que ficavam próximo ao complexo cafeeiro. O núcleo colonial de Sabaúna, por sua vez, situa-se na entrada do Vale do Paraíba, uma área decadente em relação à economia cafeeira no final do século XIX. Localiza-se, portanto, nas bordas do complexo cafeeiro e divide espaço com bairros rurais da cidade de Mogi das Cruzes, ocupados por descendentes de índios, mestiços, negros e brancos e comporta ex-foreiros da antiga fazenda Sabaúna dos padres carmelitas .

Pelas características deste trabalho, muitas vezes a pesquisa esbarra em dificuldades para seu desenvolvimento como documentação escassa e espalhada em diversos arquivos exigindo um trabalho constante e, por vezes, lento, onde os registros não falam, os documentos silenciam esperando a pergunta certa para, a partir daí, estabelecer-se um diálogo. As fontes primárias existentes nos arquivos (relatórios provinciais, debates parlamentares, atas de câmaras, processos crime, jornais, inventários, etc.) proporcionam a análise das experiências vividas e/ou sonhadas, fundamentais para resgatar esta dimensão da realidade e construir a pesquisa.

O Arquivo do Estado de São Paulo reúne documentos relativos à administração dos núcleos coloniais, escolas nos núcleos (vida de professores, dificuldades de ensino), requerimentos de terras nas colônias (1889-1912) e inventários da região de Mogi das Cruzes, interessante documentação para se ter idéia da vida material e dos costumes. O Arquivo histórico de Mogi das Cruzes contribui com documentação local, através das atas da câmara, dos ofícios e requerimentos recebidos pela câmara pedindo informes sobre a situação da vila e uma documentação rica, recebida há um ano atrás do Fórum de Mogi das Cruzes, que consta de processos crime que variam de termos de bem viver (a assinatura do termo, por geralmente duas pessoas, era conduzida pelo juiz de paz local e era relativo à moral e bom costume), autos

de corpo de delito (injúrias físicas, invasões de terras, o juiz de paz nomeava um perito para realizar análises) a termos de conciliação (envolvia questões de terra, diferentemente dos termos de bem viver, onde o juiz de paz julgava condutas morais e costumes).

O Arquivo da Universidade Braz Cubas recebeu documentação de igual teor e a documentação existente nos dois locais abrange um período que vai de 1819 a 1920, contendo centenas de papéis avulsos. Constam também desta documentação do Fórum, em posse do Arquivo histórico de Mogi das Cruzes, cadernos de contrato de trabalho (1869-1872), compra e venda de escravos (1869-1872), recenseamento de escravos no município (1874) e cadernos de leis para o juiz de paz (1835).

No arquivo da Cúria Diocesana, no livro de tombo, constam as permissões para erigir capelas e cemitérios. Os relatórios provinciais no Império ou relatórios enviados ao presidente do Estado, na República, exibem quadro estatístico dos núcleos coloniais em São Paulo e o que produzem, casamentos realizados, naturalidade das pessoas, etc... Os jornais (Diário Popular, O Estado de São Paulo) do período 1888-1920, são úteis para analisar as mudanças cotidianas.

• • •